

«O Nome da Rosa» no Convento de Cristo

Carlos Carvalheiro
Grupo de Teatro Fatias do Céu, Tomar.

É apenas a tentar explicá-la aos outros que compreendemos se a ideia que temos na mente é justa ou, pelo menos, se podia ser formulada.

Umberto Eco



A Umberto Eco fascinava-o "a imagem de um monge envenenado enquanto lia um livro na biblioteca". E assim nasce, em 1980, o seu primeiro romance, *O Nome da Rosa*, que explora as diversidades, contradições e complexidades do mundo medieval, mas também levanta questões relacionadas com a actualidade, e em última análise, sobre o que é que

constitui a cultura, a quem é transmitida, por quem e com que objectivos. A biblioteca de uma grande abadia medieval é o centro de toda a trama, construída de forma labiríntica.

À Companhia de Teatro Fatias de Cá fascinava-a a ideia do Convento de Cristo em Tomar transformado na "Abadia" de "O Nome da Rosa". Umberto Eco disse dele no romance seguinte, *O Pêndulo de Foucault*, que se imaginasse um castelo templário, seria o de Tomar.

O Convento de Cristo de Tomar, consagrado Património da Humanidade pela Unesco, é um vastíssimo complexo de edifícios e claustros e nele se resume a história da arquitectura em Portugal entre o séc. XII e séc. XIX.

O Fatias de Cá no Convento de Cristo

A companhia de teatro Fatias de Cá tem olhado para o Convento de Cristo como o seu espaço teatral preferencial: porquê construir cenários se já temos, não um, mas vários, e todos fabulosos? A convenção teatral do "aqui" e "agora" poderia ter mais eficácia se o "aqui" fosse o Convento de Cristo. Contra-indicações havia uma à partida: o espaço conventual não está vocacionado para a exibição de um produto que exige ser o foco de uma plateia vasta. A lotação tem assim de ser limitada a cerca de 100 pessoas. Mas, à parte esta contra-indicação -gravosa também porque pequenas plateias implicam pequenas receitas de bilheteira-, convive-se no Convento de Cristo com a dimensão de um teatro-estúdio mas com cenários sumptuosos.

A estrutura dramatúrgica de "o Nome da Rosa"

"O Nome da Rosa", estreado em 2004 e que continua em carreira aos domingos, pelas 17h17, acontece nas diversas dependências de uma abadia. Por isso se tornou óbvio que o público teria de se deslocar. A peça começa com as exéquias de um monge que tinha morrido na noite anterior. O público (e frade Guilherme de Baskerville) assiste assim ao cortejo dos monges e depois é conduzido a uma sala onde Guilherme se encontra com o Abade. Daí saem para a igreja ao encontro de Ubertino, outro franciscano, e depois o beneditino Severino, o irmão ervanário, condu-los ao refeitório – já passa das horas de vésperas, é altura de todos jantarem. E esta lógica de movimentação mantém-se durante toda a peça.

Uma das primeiras dificuldades que a adaptação teatral da obra teve de enfrentar foi o facto de a acção se desenrolar durante sete dias, um dia para cada morto. Foi por isso preciso contornar a questão temporal com as sucessivas interrupções da refeição provocadas pelo aparecimento de novo morto. Em resumo, o público e os monges voltam ao refeitório para "continuarem" a sua refeição depois das investidas ao scriptorium (2.^a parte), à cozinha (3.^a parte), à sala do capítulo (4.^a parte), à biblioteca (5.^a parte) ou ao Finis Africae, o local secreto da biblioteca da Abadia, onde deflagra o incêndio final (6.^a parte). Este "truque" permite que o espectáculo, que é longo (cerca de 4h30), seja diversificado nos seus focos de interesse e bem assim, como os momentos de refeição têm alguma conotação de intervalo, permitir alguma retemperação da concentração requerida pelo espectáculo e credibilizar a passagem do tempo necessário.

A introdução da gastronomia no acto teatral tem vindo a ser utilizada pelo Fatias de Cá nos seus espectáculos dum forma persistente. Chegou-se à conclusão que, dessa forma, é possível desenvolver mais eficazmente um mecanismo de sociabilização entre os espectadores e entre os espectadores e os actores e, considerando que a ementa é escolhida de acordo com a temática da peça, constitui-se como um importante factor de verosimilhança na convenção teatral de um outro "aqui" e "agora".

Foi também preciso encontrar os mecanismos de sobriedade na enenação e na montagem técnica de forma a permitir que, meia hora depois do espectáculo, o Convento de Cristo não denote a sua passagem e fique preparado para, no dia seguinte, receber turistas.

Um exemplo pode ser referido com a solução encontrada para o incêndio final que destrói a biblioteca. Posta fora de hipótese a utilização de efeitos pirotécnicos e a utilização de efeitos luminosos ser de uma montagem difícil e ser muito onerosa, chega-se à questão: como fazer um incêndio? Pela inversão, a lógica ajuda-nos: o contrário de fogo é água. Se usarmos água para combater um incêndio, o fogo pode ficar nos bastidores.

